

No dia primeiro de maio, dia do trabalho, a Inspeção São João Bosco se despediu de um dos seus mais áduos trabalhadores. Além das fadigas cotidianas, seus últimos momentos foram uma luta gigantesca contra a doença fatal. Era ele o

PADRE GERALDO ALTOÉ

O espírito de Dom Bosco se fez humanidade e se chamou Geraldo. Um Geraldo todo especial. Brasileiro, mas vermelho de sangue italiano. Até o nome e suas circunstâncias eram trevisanos. *Geraldo Altoé*, nós o chamamos, cantando a melodia do tema de Lara do filme *Dr. Jivago*, magistralmente escandido pelo Padre Antônio Martins Pinheiro e por ele geralmente entoado: *Viva o Geraldo, Geraldo Altoé...* Hino familiar da fraternidade salesiana a peso e medida do destinatário. Recepção obrigatória à sua entrada em qualquer sala de qualquer reunião. Ao soar do estribilho, avermelhava mais ainda que o vermelho com que o pigmentara mãe Natura. Só não avermelhou no último primeiro de maio, quando o famoso *viva o Geraldo* encerrava a oração de despedida das casas de Niterói e Jaciguá, justamente onde nasceu para a vida de lá e adormeceu para a vida daqui. Nasceu, porque a bondade não morre nunca. A bondade, herança da espiritualidade de São Francisco de Sales e de Dom Bosco, marcou sua vida. Foi a chave com a qual logrou entrar nos corações de quantos com ele conviveram.

Antes mesmo de te formar no seio materno, eu te conheci (Jr 1, 5)

De sua fundação até inícios de 60, a presença salesiana em Jaciguá foi muito espontânea e familiar, apesar da pobreza. Menos que um aspirantado propriamente dito, era uma escola vocacional que ministrava ensino gratuito a todos os filhos dos colonos italianos da redondeza. Bastava que o garoto manifestasse vago desejo de ser padre (mais do que ser salesiano), que a casa o acolhia. Atitude, aliás, muito sábia, pois as famílias de então, em sua maioria descendentes de vênets, trentinos, trevisanos e outros, formavam já um mini seminário, tal era o agarramento com a Igreja e o respeito pelos seus sacerdotes. A não ser o indispensável carinho materno, que só a mãe sabe dar, a estrutura da casa de Jaciguá era muito semelhante à das famílias. Uma pastoral vocacional inteligente gerou muitas vocações para a futura Inspeção São João Bosco. Aquela casa estava muito próxima da primeira parte da nunca demais lembrada Carta de Roma, onde a falta de quase tudo era suprida pela alegria, pela familiaridade e pelo sacrifício abnegado dos salesianos. O Espírito do Senhor agia na interação de corações santos como os do Padre Olívio Giordano, Padre Romeu Pedruzzi e Coadjutor Armando Schalck, para citar os mais conhecidos. Geraldo Altoé, além de sua família, tinha a quem imitar.

Foi neste berço salesiano que nasceu em 23 de abril de 1934, filho de Afonso Altoé e de Luísa De Angeli Altoé. A família inteira freqüentava a capela da comunidade, sempre aberta à oração dos fiéis vizinhos. Vocacionados e povo reuniam-se nessa capela numa integração comunitária de fazer pensar nas primeiras comunidades cristãs. Naqueles idos de 40, tempo de disciplina rígorosa, Jaciguá parecia vacinado contra a onda de fascismo que dominava o mundo e a Congregação. Que o digam as filas rígidas que dom Bosco tanto detestava. Geraldo fez seu curso primário na escola pública de Boa Esperança. Passou depois a aluno externo do Anchieta.

Colega de turma do Geraldo, o Padre Braz Carnielle descreve, em breves linhas, a personalidade dele, fiel e silenciosa, quando era ainda aluno externo do Anchieta de Jaciguá:

Conheci o Geraldo quando tinha sete anos de idade. Era aluno externo do então Ginásio Anchieta, enquanto eu era interno. Éramos ambos da primeira série. Confesso que sempre vi nele a mesma pessoa alegre, simples e agradável com todos. Nunca o vi brigando, xingando ou zangado. Todas as segundas feiras ia com dois burros e várias caixas buscar a roupa dos aspirantes que eram lavadas e consertadas por Dona Luísa, sua mamãe. Nas sextas, vinha trazer a roupa limpa e reparada. Nosso tempo de convivência foi longo. De 1942 a 1962, quando recém ordenados, fizemos um curso de atualização no Rio de Janeiro. O auxílio mútuo era uma constante em nossas vidas. *Braz, me ajuda*, costumava dizer o Geraldo quando precisava de alguma coisa. Quando agonizava em Niterói, fui visitá-lo com alguns amigos seus. Num momento em que pudemos estar a sós, tomou as minhas mãos e me disse *Braz, me ajuda!* Foi a última recordação que quis guardar dele. Por isso não fui ao seu enterro.

O depoimento do Padre Braz faz pensar nos inícios de Valdocco, quando Mamãe Margarida desce as colinas para ajudar o filho. Não é nenhuma coincidência. É autêntica repetição dos “tempos do primitivo Oratório”. *A porta do barraco era sem trinco...*

Sobre os primórdios vocacionais do Geraldo, assim testemunha sua sobrinha Rosana:

Ainda criança, Pe. Geraldo ninava o irmão Nivaldo cantando: “Sempre avante com D. Bosco...”. Um dia o menino Geraldo disse a sua mãe: “Mamãe, eu quero ir para o colégio e ser padre, a senhora deixa?”. Em uma semana foi feito o enxoval e ele foi para Lavrinhas com Pe. Olívio.

Em 1946 Geraldo vai para Lavrinhas, no Vale do Paraíba. Na época era considerada a Jerusalém salesiana. *Para lá subiam as tribos do Senhor* (cf. Sl 122, 4) provenientes de todo o sudeste e sul do Brasil. As gerações posteriores ouvirão o nome *Lavrinhas* como protótipo de como devem ser as coisas, as pessoas e as atitudes. Lá se reuniam paulistas, mineiros, capixabas, fluminenses, catarinenses e gaúchos para receber os rudimentos da formação salesiana. Os mais preparados formadores lá se concentravam. Ir para *Lavrinhas* era como que um título de honra e de reconhecimento da qualidade espiritual. Até hoje são lembradas entre os salesianos as longas viagens de trem até *Lavrinhas*. Para o que hoje se faz em horas, naqueles tempos gastavam-se dias inteiros. Roubo aqui um espaço para lembrar a família Nascimento Teixeira, que acolhia em São João del Rei, os aspirantes da redondeza que se dirigiam para São Paulo. Em 1950 termina seus estudos ginasiais em São João del Rei, a *Lavrinhas* da nova inspetoria, a ISJB, fundada em 1948. Primeiro Inspetor foi o Padre Alcides Lana. Em São João del Rei sentia-se o espírito de santidade do Padre Francisco Gonçalves. Na pobreza dos inícios, Padre Francisco soube manter o espírito de família que o Geraldo vivera em Jaciguá. Sempre modesto e falando pouco, era daqueles aspirantes que pegavam no duro e davam conta do recado. De passagem, é mister lembrar que os primeiros aspirantes praticamente construíram boa parte dos prédios do Campus Dom Bosco da atual FUNREI, apetrechados com carrinhos de mão, carrocinhas, picaretas e enxadões.

Em 1951 estive com a primeira turma a fazer noviciado em Barbacena. Compunha o grupo: Raimundo Mesquita, Braz Carnielle, João Ramalho, para citar

somente os que hoje são salesianos. João Ramalho está na arquidiocese de Juiz de Fora. Mestre de noviços era o Padre Paulo Gamerschlag, salesiano de comprovada sensatez e sabedoria. Como acontecera em São João, os noviços moravam numa chácara alugada e ajudaram os inícios da construção do noviciado. Mesquita resumiu na palavra **fidelidade** o perfil espiritual do Geraldo Altoé.

Terminado o noviciado, os noviços voltavam a São João del Rei para o curso de filosofia, dirigido, na época, pelo Padre Luiz Porto de Meneses. Inspeção nova, urgia construir tudo. Aí entraram em cena as capacidades administrativas do Padre Geraldo Pompeu de Campos, do Padre Duarte Costa, escorados pela santidade do Padre Luiz Porto de Menezes e pelo imenso coração do inspetor, Padre Alcides Lanna. O serviço braçal era feito pelos aspirantes e estudantes de filosofia. Naqueles tempos não existiam nem o ECA nem a CLT. O lanche daqueles adolescentes não era lá grandes coisas e a comida de almoço e janta era aquela que se conseguia arranjar a duras penas e pouco dinheiro. Abóbora era o que não faltava. Mesquita tem histórias da padaria e dos “milagres” que deviam ser feitos.

Sábio educador que era, Dom Bosco lançava seus jovens colaboradores ao trabalho, como exercício de santidade e de prática e vivência educativas. Criou uma fase da formação que se chama *tirocinio*. É um tempo privilegiado de exercício do trabalho salesiano. Padre Geraldo fez os seus três anos de tirocinio em Ponte Nova, no Colégio Dom Helvécio, de 1955 a 1957. Em 58 foi para São Paulo, Lapa, completar o círculo formativo com os estudos da teologia. Segundo testemunha seu grande amigo Padre Raimundo Quintero, não foi admitido à ordem menor da tonsura por não se sabe qual arte maquinada, coisa muito comum entre os teólogos daquele tempo. Quando voltou à Lapa, levou uma elogiosa carta do então diretor do Riachuelo. O Padre Leonardo Jacuzzi, diretor da Lapa, leu a carta e comentou: *agora podemos pensar no processo de canonização!* Deixo à imaginação geral o quanto ficou vermelho. Aos 8 de dezembro de 1961 foi ordenado Sacerdote na igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, no Bom Retiro, em São Paulo.

Ide, ensinai (Mt 28,19)

Ordenado sacerdote, Padre Geraldo Altoé fez um curso de especialização pastoral no Rio de Janeiro em 1962. Continuou no Rio até 64, como encarregado dos estudos e da disciplina, no Instituto São Francisco de Sales, Riachuelo. A respeito desta sua função, Padre Emídio Soares da Costa, então aspirante em Santa Bárbara, assim comenta:

Padre Geraldo Altoé trabalhou no aspirantado de Santa Bárbara como conselheiro escolar em 1968. Tempo bom em que pude contar com ele também como professor de história. Com ele aprendi a gostar da história, graças ao seu jeito de dar aulas e de incentivar os estudos. Como conselheiro escolar, era um salesiano que me causava muita admiração. Sempre solícito com nossas necessidades, estava atento a tudo e a todos. Jamais o vi chateado ou dirigir-se a um aspirante com rancor. Sabia acolher e ser acolhido, compreender e ser compreendido. Amava dom Bosco e a Congregação. Por onde passou procurava acolher, compreender e ajudar as pessoas em suas necessidades. Para os aspirantes era um pai.

Vai exercer este ministério educativo em diversos lugares, até 1972, quando foi nomeado diretor. Esta missão vai acompanhá-lo até ao túmulo, em primeiro de maio

de 2008. Foi neste trabalho pastoral salesiano que Padre Geraldo demonstrou sua proximidade a Dom Bosco e a riqueza dos dons da natureza e da graça de que o Senhor o ornou. Será sempre difícil acentuar esta ou aquela qualidade, porque ele as possuía todas. Era a fotografia do capítulo II das Constituições salesianas. Geraldo Altoé poderia definir o salesiano *qualis esse debet* do célebre sonho dos diamantes. Encarnava o Sistema Preventivo em seus mínimos detalhes.

Padre Jurandyr Azevedo Araújo, um dos salesianos que mais conviveram com ele, assim confirma:

De 2004 a 2007, convivi com o Padre Geraldo como diretor da comunidade e do Colégio Dom Bosco de Brasília. Foi uma pessoa que soube conquistar a todos. Sempre atento e alegre, sabia corrigir com o coração e amabilidade. No colégio, foi ganhando aos poucos a confiança dos educandos e educadores. Ao empreender alguma mudança, consultava a comunidade. Fazia questão de apresentar os Salesianos a educadores e a educandos. O colégio cresceu em número e em conceito na capital federal. Interessava-se pelo meu trabalho na CNBB. Nunca deixava de celebrar as missas mensais dos alunos e as diárias no Santuário Dom Bosco. Viveu muito bem a sua vocação cristã e salesiana. Para mim foi uma pessoa de alegria profunda, compreensiva e amiga. Sabia ouvir e acolher as pessoas. Os educadores, tanto os diretos quanto os de apoio, sentiam-se por ele acolhidos. Com alguns estreitava laços de autêntica amizade. Trazia nos lábios um sorriso maroto e, volta e meia, piadas de fina ironia.

Quem lê o artigo 55 das Constituições, vê ali o perfil do Geraldo. O testemunho do Padre Jurandyr é o Geraldo peça única, dos pés à cabeça. Não possuía outros dons de natureza, como o esporte, a música ou a inteligência privilegiada. Nunca fez estudos especiais. Sua especialidade eram a bondade e a mansidão. Em sua saudação de despedida de Niterói, na manhã de primeiro de maio, Padre Eurico Alves Freitas, com felicidade rara, traçou o alto significado salesiano do Padre Geraldo Altoé, como portador de *alegria* para a comunidade. Não hesitou de qualificar de *céu* a comunidade de Resende, quando dirigida pelo Geraldo. Como fazia da casa um paraíso, o paraíso acabou sendo sua casa.

A estas afirmações, soma-se a da Ir. Soraya Chaloub:

Pe. Geraldo Altoé deixou marcas em Campos por todo bem que fez e por sua disponibilidade extraordinária. Foi um "irmão" para nós do "Auxiliadora" em seu trato atencioso e fraterno. Jamais tomou uma decisão institucional que poderia afetar, sem antes conversar e entender-se diretamente conosco. Juntos agradecemos a Deus pela riqueza de vida do Pe. Geraldo Altoé, nosso irmão.

Quanto a mim, já estou sendo oferecido em libação e chegou o tempo de minha partida; combati o bom combate, terminei minha caminhada, conservei a fé. Resta-me agora a coroa da justiça que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia. (2Tim 4, 6-8)

Uma libação longa. Sacrifício oferecido no dia a dia da missão salesiana. Seja como conselheiro e catequista, seja como diretor, a entrega total, sem reservas marcou-lhe a vida. A prática do Sistema Preventivo de Dom Bosco é muito gratificante, mas demasiado cansativa, sobretudo por parte do educador. Mais desgastante ainda para o diretor. Quem examina com atenção o acima citado artigo 55 das Constituições salesianas fica espantado diante do ideal traçado para o diretor. Desde a recomendação para ser modelo de vida espiritual até ao cuidado de todas as pessoas

da comunidade, o leque das atribuições se abre para o labor administrativo do patrimônio da comunidade. Todas as tarefas que requerem habilidade, prudência e muita dedicação. Daí entende-se a brincadeira do Geraldo quando o nomearam diretor de Niterói: *quase me joguei ponte abaixo*. Por mais de trinta anos foi diretor em várias obras, deixando saudades em quem com ele trabalhou. Várias vezes foi chamado a salvar situações de risco. Riachuelo em 1973- 78, Niterói de 79 a 81, Campos de 82 a 85, Rocha Miranda de 86-92, Vitória de 93 a 95, de novo Campos de 96 a 2004, Brasília 2005-6, Resende 2006-2008. Libação diuturna que o levou à sofrida entrega total em primeiro de maio de 2008. Folha de serviço de dar inveja a qualquer santo salesiano, inclusive os já canonizados. Ao nosso querido Geraldo Altoé cabe o comovente fechamento do Testamento Espiritual de São João Bosco: *Se um salesiano vier a sucumbir sob o peso do trabalho em favor dos jovens, poder-se-á afirmar que a nossa Congregação alcançou um grande triunfo e sobre ela descerão abundantes as bênçãos do céu*.

Deixamos no original o lindo depoimento de suas heróicas irmãs Ermelinda e Ir. Mercedes Altoé – irmãs de Pe. Geraldo, que o acompanharam até os momentos finais. Digno de constar num processo de santificação:

No tempo em que nós acompanhamos Pe. Geraldo em Niterói constatamos que o amor, a preocupação e dedicação que pensávamos fosse somente com a família, vimos que tudo isso era bem mais amplo, abrangia a todos os Salesianos, assim como todas as pessoas que dele se aproximavam.

A Irmã Mercedes Altoé continua:

Nos 50 dias que fiquei com meu irmão Pe. Geraldo, em Niterói, o que mais me chamou a atenção foi o pensar nos outros. Sempre, quando ia comer alguma coisa, ou mesmo até almoçar ou jantar ele dizia: "os outros já comeram? Deixem os outros servirem primeiro." Mesmo quando ganhava alguma coisa de visitantes ele só comia se todos também comessem. Quando não mais entendíamos o que ele falava, ouví várias vezes, bem baixinho, "os outros já comeram, tem para todos?" Até quando foi fazer químio, no hospital, oferecia suco, ele dizia "o suco é para eles que estão trabalhando, eu não estou fazendo nada." Outro testemunho era o amor aos familiares e salesianos. Sempre tinha uma resposta positiva em relação aos salesianos: "meus irmãos em Dom Bosco". Também falou várias vezes para mim: "Como eu amo minha família e os irmãos salesianos. Quando alguém telefona, eu me sinto até melhor!"

A Sobrinha Soninha, da Itália (1/05/2008) escreveu:

"Tio Geraldo, Ainda sinto o gosto de goiabada e pessegada, aqueles escondidos no armário para a festa de fim de ano, para os tios que chegavam de longe. Eram os melhores doces... Eram também, os melhores bombons escolhidos. Tornavam-se motivo de brigas... e a criança fazia a festa. E tinham as fotografias, e eu me escondia... mas por que a batina tinha aquela cor??? E era a preparação, a chegada e depois a difícil separação.

A despedida, penso que desde pequeno, foi a sua maior dificuldade, entre abraços e sorrisos que sempre fizeram parte da sua vida, como foram a responsabilidade e o respeito pelas coisas e pessoas.

Em Pedra Branca chegavam também as cartas e cartões de vários lugares, e a lista de nomes que serviriam para a próxima criança que deveria nascer (e como nasceu!) e alguns eram bem engraçados!

E assim foram todos esses anos, o conselheiro, o irmão de longe, o que chegava, o que unia, aliás, a união sempre foi o ponto principal. Agora entendo o porque de tantas mesas redondas nos colégios: porque une, somos

convidados a dividir, a girar a mesa, a olhar nos olhos, a estar em lugares iguais, sem separação ou posição de privilégio.

Para terminar, te peço a bênção, pra mim, para minha família e para todas as pessoas que te acompanharam em todos esses anos e de maneira especial, para aquelas pessoas que te acompanharam durante a enfermidade:

Tio Geraldo: abraço-te, com saudades. "Sempre".

Tereza Smith, professora do Colégio Salesiano Santa Rosa, Niterói, deu seu testemunho:

Naquela manhã de outono, nós professores do Colégio Santa Rosa iríamos conhecer o novo Diretor. Ansiosos ficamos, ao mesmo tempo em que ligeira preocupação nos envolvia: como seria o Padre? Exigente, caladão, viria com o objetivo de dispensar professores e funcionários? Começamos a fazer conjecturas mil. E fisicamente como seria. Quantas interrogações Deus meu! E ele chegou: sorridente, com a cútis um tanto rosada, bela estátua, trazendo consigo uns olhos muito azuis, cabelos bem lisos, meio coloridos. Simpático e porque não dizer: um bonito homem (com respeito). Sua voz um tanto rouca lhe permitia transmitir, a satisfação da chegada através de palavras gentis, ao se apresentar. Assim conhecíamos naquele momento o Padre Geraldo Altoé. O tempo foi passando. Embora por demais perfeccionista, nunca utilizou de uma autoridade exagerada ao atender os vários setores do colégio. Vencia pela delicadeza ao tratar as pessoas e o carisma, que emanava do seu "eu", tornava forte sua presença. Era até certo ponto positivo em suas ponderações, ma em tudo encontrava sempre um jeitinho especial para se dirigir ao seu semelhante. Brincalhão, alegre e sempre disponível. Jamais abandonou aqueles que o procuravam. Foi um verdadeiro gentleman. Pena que o período de três anos passados entre nós, fora tão rápido, mas valeu! Valeu por mais de trinta anos, tamanha a reciprocidade existente entre diretor e nós outros.

Padre Geraldo Altoé deixou aqui no Colégio Santa Rosa, o exemplo de como convencer, como acertar, como respeitar as diferenças e como enfim, fazer uma escola feliz. E esta criatura que nos proporcionou momentos indescritíveis, nos deixou, entregando-se aos braços do Senhor Deus, partindo para a eternidade. Sua vagem nos deixou saudosos. Conosco ficou a esperança de que embora nossas lágrimas rolando queimem nosso rosto, um dia serão sublimadas, porque estaremos juntos novamente. Sua sementeira no Santa Rosa, como aconteceu em todos os colégios salesianos pelas quais passou, deu suculentos frutos. É assim como na parábola do grão de mostarda (Mt 13,31-32).

Acredito eu ter chegado o momento do senhor, padre Geraldo, planejar aí no céu uma bela reunião com meu marido e seus irmãos em Dom Bosco. Para discutirem: religião, política, futebol, música, educação familiar e tudo enfim que soube sempre curtir. O Senhor se foi, mas pode crer, fez-me ver em pouco tempo a vida por outro prisma, tornando-me uma mulher corajosa, confiante e altruísta. Até um dia bom amigo! Até nos encontrar pelos jardins do édem, gostarei de ouvir suas palavras em tom jocoso: Olá Smidith! Como vai a família? Qual a novidade de hoje? Este será o momento que bateremos um bom papo, acredito eu... Adeus Pe. Geraldo. Fique em Paz nos braços de Jesus. Ore por nós.

Marta Calil Nascimento Ramos - Rocha Miranda - Rio de Janeiro dedicou-lhe esta poesia:

Eu tenho um amigo que está sempre comigo
que sopra um vento tênue nos dias quentes de sol,
que reflete o brilho leve do orvalho que amanhece,
que revigora a fé nas noites que de luar carece.

Eu tenho um amigo que está sempre comigo
como um raio de luz em nevoeiro denso,

como mão que acaricia em momento tenso
como estrela que conduz o caminhante sem luz.

Eu tenho um amigo que está sempre comigo
nas horas de solidão, quando tudo parece sem razão;
nos desvios da vingança quando falta o coração
nos dilemas da vida, quando a saída é o perdão.

Eu tenho um amigo que está sempre comigo
nas lembranças ternas que carrego em todo dia que amanhece,
nos momentos alegres que de esperança rejuvenescem,
Nas dores da saudade de quem a gente nunca esquece,
Padre Geraldo, o amigo que está sempre comigo.

Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?(Sl 22,1)

Grito de Cristo e silêncio do Pai. O câncer é tão ruim que silencia o próprio Deus. Chega devagarzinho, traidor. Arma tocaia que ninguém descobre. Amoita-se sem deixar rastro. Vai correndo, correndo, criando espaço. Carcome as resistências. Impera absoluto na praça conquistada. Espalha-se subtil sem deixar-se ver. Quando o descobrem aqui, aparece lá. Outra emboscada está armada. Vai espalhando horror, semeando estrago. Ataca quando o jeito já não existe. É o demo, o capiroto no redemunho, o coisa ruim. Desafia médicos e cientistas. Aqui faz de conta que foi embora. Acolá explode em forma de tumor. Arranca os cabelos. Cassa a cor à pele. Provoca vômitos e mais espasmos. Tolhe os movimentos. Abate sorrisos e esperanças. Faz só uma concessão:tudo acabou. Assim fez ele com o Geraldo. Não levou em conta sua bondade. Derrubou-o antes com dor nas pernas. Como Cristo subindo o Calvário, o herói tombou pela primeira vez. Depois foi de queda em queda. Alojou-se teimosamente no cérebro. Não ousou tocar-lhe o coração. Era muito de Deus. Era intocável. Foi pipocando aqui e ali, rindo-se das químio e radioterapias. Indiferente às solitudes incansáveis do Dr. Claudinho, ao carinho materno-fraterno das irmãs Mercedes, Ermelinda, Terezinha e dos outros irmãos. Não tomou conhecimento das muitas lágrimas choradas em Niterói, Boa Esperança, Campos, Brasília, Rio de Janeiro. Não se comoveu com a contínua peregrinação de educadores, educandos e amigos. Marchou impertérrito e fatal para o primeiro de maio. A Congregação viu aumentada sua glória. A pedagogia salesiana perdia um de seus mais eficientes e eficazes agentes. A Inspetoria São João Bosco viu aberta uma irreparável brecha em suas fileiras. A humanidade chorava a perda de um de seus mais lídimos representantes. As flores de sua urna se ajeitaram em celeste estética. A bondade é como a flor: fica bem em qualquer lugar.

Pe. Jacy Cogo
Colégio Salesiano
Rua dos Topázios, 375 – Rocha Miranda
21540-020 – RIO DE JANEIRO - RJ

DADOS PARA O NECROLÓGIO: Altoé, Geraldo

* 13/04/1934 – Jaciguá – ES

+ 1/05/2008 – Niterói – RJ- Brasil - com 74 anos.